

TEMA EM DESTAQUE

DESIGUALDADE DE DESEMPENHO E RAÇA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PAEBES 2009

ANDREZA CRISTINA MOREIRA DA SILVA BASSO,
CAROLINA FERREIRA RODRIGUES, DANIEL AGUIAR DE
LEIGHTON BROOKE, DANIEL ARAÚJO VIGNOLI, JULIANA
FRIZZONI CANDIAN, WAGNER SILVEIRA REZENDE

RESUMO

A pesquisa procura demonstrar o papel da raça na explicação de diferenças de desempenho, avaliado pela proficiência, entre alunos da rede pública do Espírito Santo. Não tem a pretensão de determinar os mecanismos que operam na manutenção dessa desigualdade, mas objetiva enfatizar que raça é uma dimensão importante na compreensão das desigualdades educacionais, responde a diferenças consideráveis de proficiência e deve ser considerada nas tentativas de explicá-las.

PALAVRAS-CHAVE: DESIGUALDADES EDUCACIONAIS • RAÇA •
DESIGUALDADES SOCIAIS • RENDIMENTO ESCOLAR.

RESUMEN

La investigación procura demostrar el papel de la raza en la explicación de diferenciales de desempeño, evaluado por la competencia, entre alumnos de la red pública de Espírito Santo. No tiene la pretensión de determinar los mecanismos que operan en el mantenimiento de esa desigualdad, pero el objetivo es enfatizar que la raza es una dimensión importante en la comprensión de las desigualdades educativas, responde a diferencias considerables de competencia y debe ser considerada en los intentos por explicarlas.

PALABRAS CLAVE: DESIGUALDADES EDUCATIVAS • RAZA • DESIGUALDAD SOCIAL • RENDIMIENTO ESCOLAR.

ABSTRACT

This research note seeks to demonstrate the role of race in explaining differences in performance, measured by the proficiency of public school students in the state of Espírito Santo. It is not intended to determine the mechanisms that operate in maintaining this inequality, but aims to emphasize that race is an important dimension in understanding educational differences, being responsible for wide variations in proficiency and therefore should be taken into account in attempts to explain these variations.

KEYWORDS: EDUCATIONAL INEQUALITIES • RACE • SOCIAL DIFFERENCES • LEARNING ACHIEVEMENT.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é marcada por fortes desigualdades, dentre as quais a desigualdade racial se destaca. A raça é uma dimensão importante da estratificação social, pelo seu caráter adscritivo e por suas implicações nas diversas realizações sociais (alcance educacional, inserção no mercado de trabalho, retornos salariais etc.). Longa tradição de pesquisas (ver, por exemplo, FERNANDES, 1968; HASENBALG, 2005; HASENBALG, VALLE SILVA; LIMA, 1999; TELLES, 2003; FERNANDES, 2004; FERES, 2006) tem tratado, com diferentes enfoques, dessas diferenças e de suas consequências, tanto no plano objetivo (escolaridade, renda, mobilidade social) como no plano subjetivo ou simbólico (autoestima, autopercepção enquanto ator social), apontando que o pertencimento a diferentes grupos raciais está fortemente associado a persistentes desigualdades sociais e que, embora seja possível encontrar indivíduos brancos, pretos e pardos em quaisquer pontos da escala de estratificação, não-brancos estão sempre em piores condições que brancos em todos os indicadores sociais (REIS ET AL., 2007).

No entanto, nos estudos das desigualdades educacionais, no que toca às diferenças de domínio de conteúdos cognitivos

que a escola tem por função transmitir aos seus alunos, a questão das desigualdades raciais aparece pouco. São raros os estudos que se dedicam a investigar como diferenças raciais impactam de forma diferenciada o desempenho escolar¹. Essa nota de pesquisa não pretende preencher uma lacuna de investigações desse tema central para a estruturação e reprodução das desigualdades sociais no Brasil, mas apenas apontar a importância do problema a partir dos resultados de avaliação em larga escala realizada em um sistema da rede estadual de educação no Brasil. O objeto é destacar, de forma descritiva e simples, como as desigualdades de desempenho estão associadas a diferenças raciais.

Vale enfatizar que a perspectiva que subjaz ao trabalho é a de que bons resultados escolares estão associados a melhores chances de vida e, uma vez que a escola pode ser pensada como instrumento de superação das desigualdades sociais, mesmo que de forma não absoluta, a compreensão de por que os não-brancos têm, sistematicamente, experimentado situações escolares desfavoráveis, em relação aos domínios dos conteúdos, pode contribuir para reflexões mais substanciais da aplicação e eficácia de políticas públicas que buscam alterar esse cenário de desigualdade.

O trabalho se divide em três partes, além desta pequena introdução. A seguir, discutiremos as relações entre raça e desigualdades escolares. Na terceira parte, serão apresentados os resultados da avaliação em larga escala que consideramos na demonstração das desigualdades entre brancos e outros grupos de cor no sistema público de educação. E, por fim, tecemos algumas considerações finais.

DESIGUALDADES RACIAIS E EDUCAÇÃO

Considerada em uma acepção mais ampla, a educação tem objetivos que ultrapassam a ação da escola: preparação para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade. À escola e ao sistema escolar cabem, estritamente, oferecer oportunidades para a aquisição de competências cognitivas que possibilitem o alcance de tais prerrogativas. Em sua acepção mais específica, portanto, a educação, no plano do estabelecimento escolar, equivale à instrução. No Brasil, a escola ainda é um bem desigualmente

¹ Existem vários trabalhos que articulam raça e educação, mas pesquisas que relacionam as diferentes raças a diferenças de desempenho são poucos. Um levantamento inicial aponta dois estudos: Carvalho (2008) realiza um estudo relacionando as classificações raciais feitas pelos professores e o desempenho de 213 estudantes no município de São Paulo; e Soares e Alves (2003) analisam as desigualdades do desempenho escolar entre alunos discriminados por raça, enfatizando o impacto que algumas políticas e práticas escolares acabam tendo no aumento da desigualdade entre esses grupos, a partir dos dados do Saeb 2001. Nossa análise está em consonância com este último trabalho.

distribuído e desigualdades educacionais estão marcadas por filtros socioeconômicos, raciais, territoriais. Especialmente no caso de uma sociedade tão desigual quanto o Brasil, grande parte da variação no desempenho escolar está associada às condições socioeconômicas e às características da família (...).

Na década de 1990, o Brasil concluiu, com considerável êxito, o processo de universalização da educação básica: quase a totalidade das crianças entre 7 e 14 anos frequenta a escola, embora ainda haja grande variação entre as regiões brasileiras, como mostra a tabela abaixo. Do ponto de vista formal, portanto, a igualdade de acesso foi amplamente instalada.

TABELA 1 - Média, por região, do acesso à escola - 7 a 14 anos

REGIÃO	1991	2000
Norte	68,10	83,57
Nordeste	65,33	87,85
Sudeste	85,43	93,07
Sul	85,58	94,83
Centro-Oeste	82,05	91,47

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

A observação da tabela acima aponta que, nas regiões Norte e Nordeste, o acesso à escola está bastante aquém do registrado nas demais regiões. Considerando que, nessas regiões, é maior o percentual de não-brancos que no restante do Brasil, como mostra a tabela 2 abaixo, já se tem um indício do acesso desigual à escola no que diz respeito às raças.

TABELA 2 - População residente, por grandes regiões e por raça

COR/RAÇA	TOTAL	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE
Branca	48,4	22,9	29,3	56,8	78,7	42,2
Preta	6,8	5,1	7,9	7,7	3,5	6,5
Parda	43,8	71,0	62,2	34,4	17,0	50,2
Outra	0,9	1,0	0,6	1,0	0,8	1,0

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

Com efeito, Fernandes (2004), observando o impacto dos determinantes do alcance educacional no Brasil ao longo

de 81 anos, encontrou que a raça é o único determinante da estratificação educacional que não decresce no período, o que significa que “a população não-branca enfrenta barreiras altas nos primeiros níveis de instrução, como, por exemplo, o simples acesso à educação e depois barreiras crescentemente altas para ter acesso a níveis educacionais superiores.” (op. cit., p. 52).

Políticas universalistas, como a de inclusão em massa ao sistema de ensino, tendem a diminuir a desigualdade em geral no Brasil. No entanto, na concepção dessas políticas está a ideia de que todas as pessoas menos favorecidas, independentemente da cor da pele, serão ajudadas de forma igual, o que, de modo geral, não acontece. Grupos diferentes se apropriam de forma diferente das políticas. “Políticas universalistas não previnem o racismo e a discriminação racial e continuarão a separar brancos, pretos e pardos na estrutura de classes. Os negros são desproporcionalmente ignorados por tais políticas, que nunca são verdadeiramente universais.” (TELLES, OP. CIT., P. 307). Ou seja, para que políticas voltadas para a educação possam, de fato, gerar efeitos positivos sobre as desigualdades no cenário escolar, é necessário que elas conheçam o problema, de modo a combatê-lo de maneira efetiva. Além disso, são fundamentais esforços de conscientização racial que sejam capazes de superar as situações de discriminação.

Além das diferenças de acesso e das barreiras à promoção dentro do sistema escolar, outro aspecto em que a desigualdade entre brancos e não-brancos deve receber atenção diz respeito ao domínio de conteúdos cognitivos que a escola tem por função transmitir aos seus alunos. Embora a escola assuma cada vez mais funções relativas à família ou às comunidades, a grande expectativa social em relação a ela, especialmente da família, está relacionada à aprendizagem. Nesse aspecto é que se concentra boa parte dos estudos sobre educação e vários esforços são feitos com o objetivo de avaliar o alcance desse domínio. Os sistemas de avaliações nacionais como o Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) – exame nacional aplicado a uma amostra de turmas de 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio de escolas em todo país a cada dois anos – e a Prova Brasil – também realizada a cada dois anos, com todos os alunos de área urbana de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental

e com uma amostra de alunos do 3º ano do Ensino Médio – e as inúmeras avaliações de âmbito estadual – como, por exemplo, o Saresp, do Estado de São Paulo; o Simave, em Minas Gerais; o Paebes do Espírito Santo; entre vários outros – são iniciativas que refletem a preocupação com a avaliação e a melhoria da qualidade do ensino no país. E é a esse domínio que diz respeito esta nota de pesquisa. Nosso objetivo é mostrar como a raça está associada a desigualdades de desempenho entre alunos do sistema público brasileiro, mesmo quando as características familiares, medidas pela condição socioeconômica, são controladas.

Antes de passarmos aos resultados encontrados, convém considerar o que entendemos por raça, que é algo inexistente no plano biológico, não existam diferentes “raças humanas”, mas que, no plano social, é um conceito com clara relevância. Como afirma Guimarães (2005, p. 61):

Raças são construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos e formas de classificação que orientam as ações humanas.

No Brasil, ao contrário do que acontece na grande maioria dos países multirraciais, os conflitos raciais são delimitados e não pesam sobre a participação eleitoral ou liberdade de expressão, concentrando-se na igualdade de oportunidade e acesso a bens e serviços (GUIMARÃES, 2010). Por isso, o desafio das pesquisas sobre as relações raciais no Brasil está em não importar as categorias de raça/cor ou cultura, mas se indagar sobre como e por que o Brasil criou essa forma particular de sociedade multirracial (SKIDMORE, 2002), que se crê altamente mestiça e culturalmente homogênea, mas que se recria continuamente em preto e branco (GUIMARÃES, OP. CIT.).

No contexto brasileiro, a noção de cor é mais comumente mobilizada que a noção de raça como categoria de classificação. É através da cor que a raça aparece como marcador primordial do destino dos negros brasileiros (GUIMARÃES, 2010,

p. 124). Segundo Telles (2003), a ideia de cor capta melhor a fluidez e ambiguidade das relações raciais no Brasil. Essa noção, no entanto, equivale ao conceito de raça, pois está associada à produção de hierarquias entre pessoas de cores diferentes, ou seja, independentemente do conceito, de raça ou cor, as pessoas são racializadas e socialmente categorizadas. Portanto, a raça tem papel importante na atribuição de sentido à ação social e não se pode negar a existência de certa gramática social que atribui ao grupo negro uma série de valores socialmente negativos, comprometendo a autoestima, a autoconfiança e a autopercepção dos negros enquanto atores social e politicamente relevantes (REIS ET AL., OP. CIT., P. 7).

A gramática social que hierarquiza socialmente as pessoas por sua cor é codificada por regras informais de interação social, o que garante um aspecto de naturalidade aos direitos e privilégios garantidos aos que ocupam as posições mais altas (TELLES, P. 309).

RESULTADOS - DESIGUALDADES RACIAIS NO PAEBES 2009

Os resultados apresentados aqui foram elaborados a partir dos dados do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo, o Paebes, edição de 2009. O objetivo da análise é comparar o desempenho dos alunos nesse programa, considerando as etapas avaliadas, 4ª série/5º ano, 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio, levando em conta o índice socioeconômico dos alunos e a raça autodeclarada. A escolha desse programa se deve a três razões: primeiro, pelo fácil acesso que tínhamos aos dados; segundo, porque se trata de um programa consistente, que existe com alguma regularidade desde 2000; e, terceiro, porque o Espírito Santo seria um estado representativo do Sudeste, no que diz respeito à composição racial.

A raça dos alunos considerada nessa análise é um item do instrumento aplicado aos alunos das séries consideradas e as opções de resposta disponíveis eram branco, pardo, negro, amarelo e indígena. A classificação utilizada pelo IBGE, vale ressaltar, considera as categorias: branco, pardo, preto, ama-

relo e indígena; razão pela qual as comparações diretas entre os resultados devem ser evitadas, embora estes possam ser aproximados. Por representarem um grupo muito pequeno, a análise excluiu os alunos que se autodeclararam amarelos e indígenas. Dessa forma, foram considerados cerca de 95 mil alunos da rede pública de ensino do Espírito Santo, distribuídos por raça conforme mostra a tabela 3 abaixo. Como se pode observar, o percentual de alunos que se declarou pardo ou negro na rede pública do Espírito Santo é bem maior que o percentual observado a partir da PNAD 2009².

² Não tivemos acesso aos dados da PNAD para comparar a composição racial do estado do Espírito Santo com a dos alunos participante do Paebes, mas considerando a distribuição por regiões, parece que o autorealhecimento como sendo pardo ou negro é mais expressivo entre os alunos que entre a população.

TABELA 3 - Percentual de alunos, por raça/cor

REGIÃO	1991	2000
Branca	28.694	30,1
Parda	51.170	53,7
Negra	15.502	16,3
Total	95.366	100,1

Fonte: Paebes 2009 - tabulação própria.

A tabela 4 a seguir mostra o desempenho médio de acordo com a raça dos alunos para cada série considerada. Como é possível observar, os alunos que se declararam negros têm, em média, os piores desempenhos em todas as séries e nas duas disciplinas consideradas, seguidos pelos alunos pardos e, por fim, os alunos brancos, que têm médias acima das médias do estado.

TABELA 4 - Proficiência dos alunos por raça/cor e ano/série

COR/RAÇA	SÉRIE/ANO	DISCIPLINA	NÚMERO DE ALUNOS	MÉDIA DE PROFICIÊNCIA	DESVIO PADRÃO
Branca	5º ano EF	Língua Portuguesa	11.351	195,2	39,5
		Matemática	11.351	199,4	47,9
	9º ano EF	Língua Portuguesa	8.696	243,1	43,2
		Matemática	8.696	253,1	49,8
	1º ano EM	Língua Portuguesa	8.647	248,5	44,7
		Matemática	8.647	260,8	49,5
Parda	5º ano EF	Língua Portuguesa	20.568	192,8	37,2
		Matemática	20.568	194,9	45,0
	9º ano EF	Língua Portuguesa	15.447	235,5	41,2
		Matemática	15.447	240,3	45,8
	1º ano EM	Língua Portuguesa	15.155	240,0	42,6
		Matemática	15.155	247,0	46,2
Negra	5º ano EF	Língua Portuguesa	6.434	183,7	35,0
		Matemática	6.434	182,3	41,5
	9º ano EF	Língua Portuguesa	4.091	227,9	40,6
		Matemática	4.091	230,9	44,5
	1º ano EM	Língua Portuguesa	4.977	235,4	42,4
		Matemática	4.977	242,0	45,0
Total	5º ano EF	Língua Portuguesa	38.353	192,0	37,7
		Matemática	38.353	194,1	45,7
	9º ano EF	Língua Portuguesa	28.234	236,8	42,0
		Matemática	28.234	242,9	47,5
	1º ano EM	Língua Portuguesa	28.779	241,8	43,4
		Matemática	28.779	250,3	47,5

Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

Mas para considerar de forma mais adequada a variação do desempenho em uma sociedade desigual como a brasileira, é preciso levar em conta a condição socioeconômica dos alunos. Para operacionalizá-la, nesse trabalho, foram consideradas variáveis referentes à posse de bens e a escolaridade dos pais conforme informadas pelos alunos, variáveis que influenciam

a vida social e escolar do aluno. A escolaridade dos pais é um fator muito influente na medida do desempenho. Ela está relacionada com as atitudes que os pais tomam e influenciam o desenvolvimento de comportamentos e atitudes dos filhos.

A escolaridade dos pais se vincula ao consumo cultural que os filhos podem desenvolver, ao hábito de leitura, à disciplina e ao comportamento dentro e fora de sala de aula, ao contato recente com tecnologias e recursos educacionais diferenciados, entre outros fatores. Além disso, tal escolaridade está ligada também ao comportamento dos pais diante da escolaridade dos filhos, como a exigência de dedicação e comprometimento com a escola, o incentivo à leitura, o acompanhamento dos deveres de casa, a ajuda com as dúvidas que o filho tem com as lições, e outros elementos. Assim, em teoria, o aumento da escolaridade dos pais tende a se refletir na melhoria do desempenho de seus filhos.

A posse de bens materiais é tratada como indicativa de situações e condições sociais específicas que, por sua vez, impactam no desempenho dos estudantes. A posse de bens como aparelhos de televisão, geladeira, automóvel, e a presença, em casa, de banheiro, indicativo de acesso a uma forma mínima de saneamento, são elementos que podem influenciar e, de modo geral, influenciam, no desempenho dos alunos. A presença desses bens, como se pode imaginar, não interfere diretamente no desempenho do aluno em sala de aula, ou seja, o fato de o aluno ter geladeira em casa não significa que ele, por conta disso, terá um desempenho melhor em matemática, por exemplo, ou que aprenda melhor do que aqueles que não têm. No entanto, a presença desses fatores é indicativa da condição social e econômica do aluno e de sua família.

Para fins de análise, o índice socioeconômico foi categorizado em termos dos desvios padrão da distribuição³ e os resultados serão apresentados para 6 (seis) categorias do índice. Na tabela 5 abaixo, apresentamos a distribuição percentual dos alunos pelas raças consideradas e em cada categoria do índice socioeconômico. A distribuição percentual dos grupos raciais nas categorias do índice socioeconômico é semelhante, estando o maior percentual de brancos, pardos e negros nas categorias intermediárias. Por outro lado, as categorias de maior índice socioeconômico têm maior participação de brancos que as demais, ocorrendo o contrário com os grupos pardo e negro, que

3 A distribuição das medidas do ISE estendia-se até quatro desvios padrão acima e abaixo da média. Entretanto, como o quantitativo de alunos que ocupavam o quarto desvio padrão, nas duas extremidades da curva era muito pequeno, os alunos que distavam três e quatro desvios padrões da média foram agregados em uma única categoria. A medida de ISE categorizada por desvio padrão contabilizou então os alunos que distavam um, dois, e três ou mais desvios padrões da média.

diminuem sua participação ao longo das categorias do índice socioeconômico, o que reforça que a condição socioeconômica é diferenciada segundo os grupos raciais. A composição desses grupos é diferenciada segundo as raças, uma evidência da desigualdade de alocação de recursos.

TABELA 5 - Distribuição dos alunos por categorias

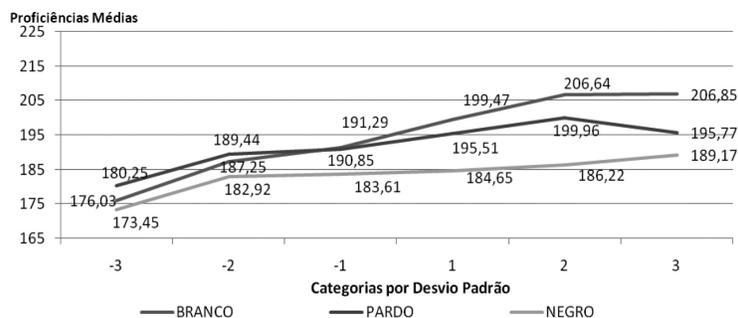
Cor/raça	NÚMERO E PERCENTUAL DE ALUNOS	CATEGORIAS						Total
		-3	-2	-1	1	2	3	
Branca	Número de alunos	402	3.513	9.591	9.412	4.702	1.049	28.669
	Percentual na raça	1,4	12,3	33,5	32,8	16,4	3,7	100,0
	Percentual no ISE	23,9	27,6	27,5	30,6	37,1	41,1	30,1
Parda	Número de alunos	909	6.869	19.186	16.597	6.358	1.199	5.118
	Percentual na raça	1,8	13,4	37,5	32,5	12,4	2,3	100,0
	Percentual no ISE	53,9	54,0	55,0	54,0	50,1	46,9	53,7
Negra	Número de alunos	374	2.331	6.127	4.716	1.626	306	15.480
	Percentual na raça	2,4	15,1	39,6	30,5	10,5	2,0	100,0
	Percentual no ISE	22,2	18,3	17,6	15,3	12,8	12,0	16,2
Total	Número de alunos	1.685	12.713	34.904	30.725	12.686	2.554	95.267
	Percentual na raça	1,8	13,3	36,6	32,3	13,3	2,7	100,0
	Percentual no ISE	100,0	100,0	100,0	100	100,0	100,0	100,0

Fonte: Paebes 2009 - tabulação própria.

Os gráficos 1 a 6 apresentam as diferenças de desempenho para os grupos raciais nas disciplinas e séries avaliadas no Paebes 2009. O que se pode observar é que, tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática e em qualquer uma das séries avaliadas, o desempenho médio dos alunos que se declararam negros é inferior ao desempenho dos alunos que se declararam pardo, e esses últimos têm pior desempenho que os alunos que se declararam brancos. A vantagem dos brancos em relação aos demais grupos aumenta com o índice socioeconômico, o que é esperado a partir de outras pesquisas. Soares e Alves (2003) encontraram que “o impacto da posição social na proficiência dos alunos brancos é bem maior do que para os alunos negros, ficando os alunos pardos numa situação intermediária. Entre os alunos com posição social mais baixa, a diferença entre os três grupos é mínima, enquanto nas posições mais privilegiadas o grau de proficiência entre eles se diferencia bastante” (op. cit., p. 154).

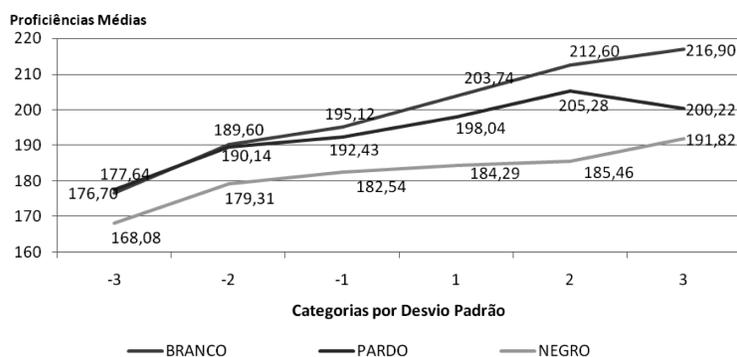
O que chama atenção é a magnitude dessa diferença na proficiência entre os dois grupos, que é de 22 pontos em Língua Portuguesa e em Matemática no 1º ano do Ensino Médio, e chega a ser maior que 25 pontos no 9º ano do Ensino Fundamental.

GRÁFICO 1 – Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 5º ano do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa



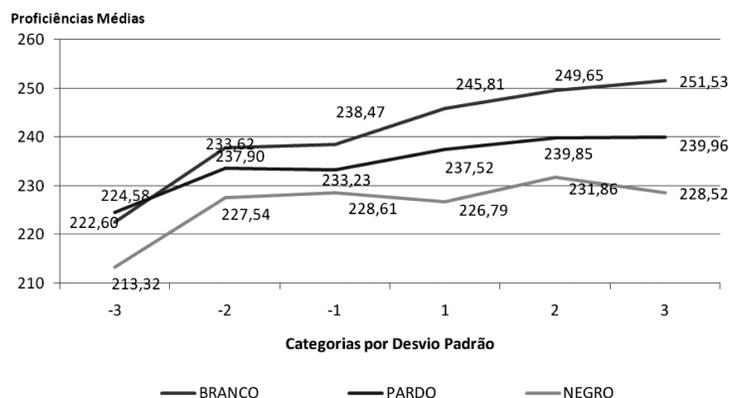
Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

GRÁFICO 2 – Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 5º ano do Ensino Fundamental - Matemática



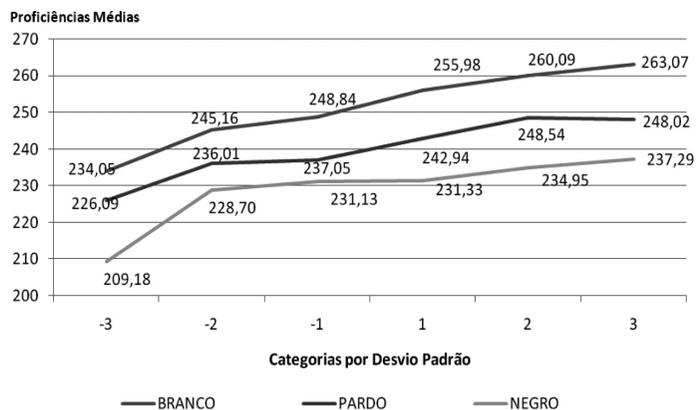
Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

Gráfico 3 – Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 9º ano do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa



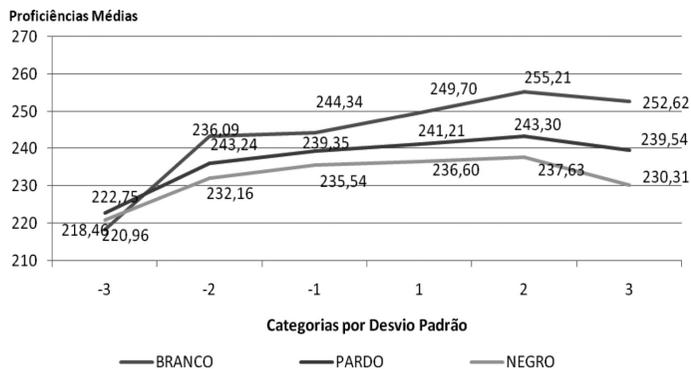
Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

GRÁFICO 4 - Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 9º ano do Ensino Fundamental - Matemática



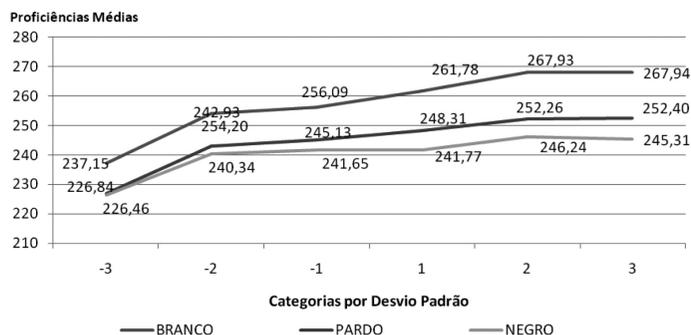
Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

Gráfico 5 - Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 1º ano do Ensino Médio - Língua Portuguesa



Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

Gráfico 6 - Proficiência média dos grupos raciais por índice socioeconômico - 1º ano do Ensino Médio - Matemática



Fonte: Paebs 2009 - tabulação própria.

Outras características dos alunos, como idade e sexo, e características dos professores e das escolas (qualificação, raça, infraestrutura da escola) precisam ser consideradas para uma apreciação mais completa e adequada dos diferenciais de raça sobre o desempenho indicado pela proficiência dos alunos. No entanto, o que buscamos demonstrar aqui é que esse efeito dos diferentes grupos raciais não é aleatório e nem é o que sobra quando se controla outras características dos alunos. Raça é uma dimensão importante na compreensão das desigualdades educacionais, responde a diferenças consideráveis de proficiência e deve ser considerada nas tentativas de explicá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa nota de pesquisa procurou destacar a raça como variável relevante na explicação dos diferenciais de desempenho escolar, medidos pela proficiência, no Paebes, o programa de avaliação das escolas públicas do Espírito Santo. O que observamos é que a raça tem efeito considerável e significativo, diferenciado de acordo com a condição socioeconômica. Esses resultados não pretenderam, e nem dão conta de esclarecer sobre os mecanismos que levam a esses resultados diferenciados.

É possível levantar uma série de fatores que explicam a diferença. Telles (2003) aponta que:

Para a maioria das crianças, que frequentam as escolas públicas brasileiras, as desigualdades são reforçadas por professores e funcionários que se dedicam mais aos brancos, quem eles acreditam que tem mais chance de sucesso, que gera, entre os negros, baixa autoestima e menor capital humano. O contexto de comportamento social racista alimenta o mecanismo que perpetua a desigualdade racial. (p. 316)

Ou seja, o fato de que as desigualdades já existentes na sociedade seriam reforçadas pelos professores, desacreditando os próprios alunos de suas capacidades pode ser uma explicação para a diferença entre os desempenhos observados entre os grupos raciais. É uma hipótese que precisa ser testada. Os próximos passos da pesquisa em curso deverão dedicar-se, portanto, a testar conjecturas acerca desses resultados, com vistas

ao desenvolvimento de uma agenda de pesquisa acerca de raça e desigualdades educacionais no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marília. “Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 28, 2008.

FERES Jr., João. Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 61, p. 163-176, 2006.

FERNANDES, Danielle C. Estratificação educacional, origem socioeconômica e raça no Brasil: as barreiras da cor. Concurso de monografias: *Prêmio IPEA 40 anos*. IPEA – CAIXA, 2004.

FERNANDES, Florestan. Mobilidade social e relações raciais: o drama do negro e do mulato numa sociedade em mudança. *Cadernos Brasileiros*, n. 47, p. 51-67, 1968.

FIGUEIREDO SANTOS, José A. Efeitos de classe na desigualdade racial no Brasil. Dados – *Revista de Ciências Sociais*, n. 1, v. 48, p. 21-65, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, n. 54, p. 147-56, 1999.

_____. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. São Paulo: FUSP; Editora 34, 2005.

_____. Raça e pobreza no Brasil. *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. Sociologia e desigualdades: abordagens e desafios. In: MARTINS, Carlos B., MARTINS, Heloísa H. T. de Souza (Coord.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Sociologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson; LIMA, Márcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

REIS, Bruno P. W. et al. Raça, recursos e desigualdade política em Belo Horizonte, Grupo de Trabalho: *Democracia e desigualdades sociais*. Recife: XIII Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. Raça e classe no Brasil: perspectiva histórica. *O Brasil visto de fora*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

SOARES, José Francisco, ALVES, Maria Teresa G. Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica. *Educação e Pesquisa*, n. 29, v. 1, p. 147-165, 2003.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ford Foundation, 2003.

ANDREZA CRISTINA MOREIRA DA SILVA BASSO

Licenciada em Ciências Sociais pela UFJF, Estagiária da Coordenação de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
andreza_basso@hotmail.com

CAROLINA FERREIRA RODRIGUES

Graduanda em Estatística pela UFJF, Estagiária da Coordenação de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
carolina.adm@gmail.com

DANIEL AGUIAR DE LEIGHTON BROOKE

Graduado em Ciências Sociais pela UFMG, Analista de Avaliação da Coordenação de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
dbrooke@caed.ufrj.br

DANIEL ARAÚJO VIGNOLI

Psicólogo pela UFJF, Analista de Instrumentos de Avaliação da Coordenação de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
vignoli@caed.ufrj.br

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

Doutoranda em sociologia pelo IESP – UERJ, Analista de Avaliação da Coordenação de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
jfcandian@gmail.com

WAGNER SILVEIRA REZENDE

Doutorando em Ciências Sociais pela UFJF,
Coordenador de Análise e Divulgação de Resultados/CAEd
wsr_ufrj@yahoo.com.br